

Afetos interditos: racismo e literatura na construção do amor e da família¹

Afectosinterdictos: racismo y literatura enlaconstrucción del amor y la familia

Prohibited affects: racism and literature in the construction of love and family

Mariana Santos de Assis²

Resumo

Historicamente a literatura sempre teve um papel determinante não apenas para registrar práticas sociais, mas também para consolidar ideologias e criar possibilidades de interação e práticas sociais. O amor tem sido tema recorrente nas mais diversas correntes literárias e suas diferentes representações nas obras literárias têm influenciado as práticas amorosas em todo o mundo. Diante disso, tentaremos aqui mostrar um pouco dessa importância, apontando algumas questões decorrentes, principalmente, do racismo presente nas produções literárias brasileiras ao longo da história e as consequências disso para reforçar o imaginário racista da sociedade, sobretudo no que se refere às construções familiares e relações afetivas entre pessoas negras. No entanto, o ponto principal do trabalho é mostrar as estratégias adotadas pelo povo negro para (re)inventar um amor nascido das cinzas da segregação e do preconceito. A literatura negra e negro periférico é a maior prova da potência das redes afetivas e familiares criadas pela população negra, a despeito dos ataques dos séculos de escravidão e ódio brancos. No presente artigo, mostraremos um pouco das contribuições da literatura hegemônica para a consolidação do racismo como base da nossa sociedade, destacando aquele que talvez seja seu aspecto mais assustador, a saber, a tentativa de desumanização e extermínio por meio do apagamento de qualquer presença negra afetiva e familiar em nossa história literária, mas principalmente, mostraremos que a capacidade/necessidade de amar suplanta qualquer violência ou opressão.

Palavras-chave: Literatura negra; Literatura Marginal/Periférica; Amor; Romantismo; Racismo.

Resumen

Históricamente, la literatura siempre ha jugado un papel decisivo no solo en el registro de prácticas sociales, sino también en la consolidación de ideologías y la creación de posibilidades de interacción y prácticas sociales. El amor ha sido un tema recurrente en las más diversas corrientes literarias y sus diferentes representaciones en las obras literarias han influido en las prácticas amorosas en todo el mundo. En vista de esto, intentaremos mostrar aquí un poco de esta importancia, señalando algunas cuestiones derivadas principalmente del racismo presente en las producciones literarias brasileñas a lo largo de la historia y las consecuencias de esto para reforzar el imaginario racista de la sociedad, especialmente en lo que respecta a las construcciones familiares y Relaciones afectivas entre negros. Sin embargo, el punto principal del trabajo es mostrar las estrategias adoptadas por los negros para (re) inventar un amor que nace de las cenizas de la segregación y el prejuicio. La literatura negra y periférica es la

¹Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade online, 2020.

²Mestra em Linguística Aplicada; Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp; Campinas, São Paulo, Brasil; iel.mary06@gmail.com.

mayor prueba del poder de las redes afectivas y familiares creadas por la población negra, a pesar de los ataques de siglos de esclavitud y odio blancos. En este artículo, mostraremos un poco de las contribuciones de la literatura hegemónica a la consolidación del racismo. como base de nuestra sociedad, destacando el que quizás sea su aspecto más aterrador, a saber, el intento de deshumanizar y exterminar borrando cualquier presencia negra afectiva y familiar en nuestra historia literaria, pero principalmente, mostraremos que la capacidad / necesidad de amar reemplaza cualquier violencia u opresión

Palabras clave: Literatura negra; Literatura marginal/periférica; Amor; Romanticismo; Racismo.

Abstract

Historically, literature has always played a decisive role not only in registering social practices, but also in consolidating ideologies and creating possibilities for interaction and social practices. Love has been a recurring theme in the most diverse literary currents and its different representations in literary works have influenced love practices around the world. Given this, we will try to show a little of this importance here, pointing out some issues arising mainly from racism present in Brazilian literary productions throughout history and the consequences of this to reinforce the racist imaginary of society, especially with regard to family and affective relationships between black people. However, the main point of the work is to show the strategies adopted by the black people to (re) invent a love born from the ashes of segregation and prejudice. Black and black-peripheral literature is the greatest proof of the power of affective and family networks created by the black population, despite the attacks of centuries of white slavery and hatred. In this article, we will show a little of the contributions of hegemonic literature to the consolidation of racism as the basis of our society, highlighting what is perhaps its most frightening aspect, namely the attempt to dehumanize and exterminate by erasing any affective and familiar black presence in our literary history, but mainly, we will show that the capacity / need for loving supersedes any violence or oppression

Keywords: Black literature; Marginal / Peripheral Literature; Love; Romanticism; Racism.

1. Introdução

Não há dúvidas sobre a complexidade e importância da literatura para a formação cultural da sociedade moderna, bem como sua importância para nos tornar humanos (CANDIDO, 2004). Porém, apesar do contato com povos negros desde o final do século XV, a presença negra na literatura só começa a ser realmente significativa na segunda metade do século XIX, após os primeiros processos de abolição (CASTILHO, 2004).

Nesse contexto, a abordagem de um tema em especial chama a atenção por sua recorrência na literatura antiga e moderna e por sua importante função ideológica, ainda hoje: o amor. No Brasil, negros escravizados mantiveram relações amorosas estáveis na colônia (SLENES, 2011; DEL PRIORE, 2015), mas, apesar disso, as relações amorosas entre escravizados pouco ou nada inspiraram os grandes poetas brancos.

Na verdade, a literatura cumpriu um importante papel no processo de consolidação de um discurso de desumanização dos sujeitos negros, bem como do mito da democracia racial. Embora a temática racial tenha se tornado corrente apenas no século XIX, ela está presente na literatura brasileira desde o século XVII, sobretudo na obra satírica de Gregório de Matos, na

qual podemos identificar posturas reveladoras das relações raciais no período (PROENÇA FILHO, 2004).

Em sua poesia o Boca do Inferno, como era conhecido, reforça a imagem das mulheres negras na sociedade colonial, “inferiorizadas por sua condição feminina, racial e servil no imaginário colonial. Mais desonradas que as solteiras do Reino, pois além de ‘putas’ eram de cor” (DEL PRIORE, 2015, p. 61).

No caso da obra de Gregório de Matos, podemos notar, ainda, a distinção no tratamento das negras a partir de sua pigmentação. Del Priore (2015) aponta a notória “preferência” do poeta pelas mulatas e forras, às quais destina seus desejos sexuais. Quanto às negras de África receberam tratamento abertamente grosseiro, em um discurso animalizante e brutal, como “‘anca de vaca’, ‘peito derribado’, ‘horrrível odre’, ‘vaso atroz’, ‘puta canalha’” (DEL PRIORE, 2015, p. 61).

A autora chama a atenção para a relação entre a postura de Matos e o ditado popular, usado por Gilberto Freyre para definir o papel sexual das mulheres na sociedade colonial: “Branca para casar, mulata para foder e negra para trabalhar”. Veremos que, mesmo na literatura mais contemporânea, pouco mudou.

Outro aspecto relevante nas tentativas de animalização do sujeito negro refere-se às constantes alusões a uma suposta impossibilidade de constituir e manter laços familiares. Primeiro associando essa incapacidade à raça, por meio de um discurso pseudocientífico que associava diretamente negros a animais. Segundo Slenes (2011, p. 142), “associar escravos e gado – não apenas como, semoventes, categoria codificada em lei, mas também como seres sexualmente desregrados – era comum na época”. Ainda segundo o autor, a certeza, por parte dos brancos, da falta de civilidade e ordem nas sociedades negras levou-os a diferenciar a família e a sexualidade negra da branca, mais um aspecto do processo de racialização apontado por Carneiro (2005).

Com a ascensão dos movimentos abolicionistas vemos nascer uma nova perspectiva sobre os escravizados negros, segundo a qual a selvageria, aparentemente natural, desses se devia às aberrações do próprio regime escravocrata, não sendo aceitável culpá-los ou a sua origem racial por sua incivilidade. Como veremos adiante, essa mudança não contribuiu muito

para a superação do legado racista da escravidão, sobretudo no imaginário social, tampouco para a consideração das relações afetivas negras para pensar o amor e a família brasileira.

A necessidade de construção de uma identidade nacional, a partir do século XIX, coloca o tema da escravidão no centro das discussões, uma vez que era preciso criar a narrativa da cultura nacional e ainda atender aos valores de liberdade, igualdade e fraternidade que aproximaria o país da vanguarda política do mundo no momento, a França, e afastaria da colônia, Portugal, reforçando o ideal de nação soberana e independente. O grande desafio, nesse sentido, era conseguir construir a identidade de uma nação moderna, sob os princípios do iluminismo, com a mácula da escravidão e da miscigenação com povos negros, considerados animalescos e inferiores.

Veremos que, para garantir uma narrativa grandiosa da identidade do país recém-liberto, diferentes estratégias foram utilizadas no sentido de mascarar e homogeneizar os povos que o compunha. Diante do processo de colonização e da inevitável miscigenação, a ideia de um paraíso das raças, com diferentes etnias vivendo em harmonia vai se desenhando e fortalecendo. Porém, é importante ressaltar que essa suposta harmonia é pautada na aceitação da superioridade branca e de certa generosidade colonial por compartilhar com os gentios sua civilidade, fé e amor, ignorando toda a violência e coerção utilizada ao longo do processo.

Durante o século XX, essa ideia ganha força, graças a estudos antropológicos, históricos e sociológicos bem como da literatura da época. Nessa, vemos surgir protagonistas negros e a alusão a sua arte e cultura, porém ainda sob os mesmos estereótipos, apenas reforçando a importância da miscigenação para, supostamente, superar as limitações da raça negra e tentar aproveitar possíveis contribuições dos povos não brancos que compõem o povo brasileiro para a construção da identidade nacional.

A literatura, assim como a historiografia da época, ainda se mantinha unilateral, no sentido de que mostrava apenas a perspectiva branca sobre as relações sociais e afetivas. Conforme Slenes (2011) foi a integração dos discursos dos escravizados para pensar a família negra que mudou a postura historiográfica sobre o tema. Do mesmo modo, entendemos que a valorização e publicização da literatura negra é um ponto-chave para superarmos o imaginário racista construído ao longo da escravidão, sobretudo no que se refere às relações familiares, afetivas e afetivo-sexuais.

2. Racismo nada cordial: Breve histórico do negro na literatura brasileira

A literatura do século XIX teve um papel fundamental no processo de construção da identidade nacional do Brasil, recém-liberto do jugo colonial de Portugal. Nesse contexto, o Romantismo é o movimento que mais contribuiu para o avanço desse processo e sua influência no pensamento social brasileiro pode ser notada ainda nos dias de hoje.

Para entendermos melhor a importância desse momento, Stuart Hall nos lembra que “a identidade nacional é uma ‘comunidade imaginada’” (ANDERSON, 1983 apud HALL, 2006, p. 51). O autor aponta uma série de elementos para entendermos como é contada a narrativa da cultura nacional. Destacaremos aqui a ideia de que “A identidade nacional é também muitas vezes simbolicamente baseada na ideia de um *povo ou folk puro, original*. Mas, nas realidades do desenvolvimento nacional, é raramente esse povo (*folk*) primordial que persiste ou que exercita o poder” (HALL, 2006, p. 55-56. Grifos do autor).

No caso brasileiro o índio se tornou nosso *povo ou folk puro original*, figurando no Romantismo como o brasileiro primordial, que legou parte da grandeza de um povo composto por duas raças nobres e fortes: indígenas e europeus. No entanto, a narrativa da cultura brasileira aponta para uma supremacia europeia, naturalizando e romantizando o violento processo colonial. De acordo com Hall (2006, p. 49) “as diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de ‘teto político’ do estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas”.

Ainda segundo o autor, não podemos esquecer que a unificação das diferentes culturas que compõem os Estados-Nação foi feita de maneira coercitiva, determinando lugares de raça e gênero como subalternos nesse processo. Além disso, a hegemonia das nações ocidentais sobre suas colônias subjogou essas culturas, sendo muitas das características distintivas da identidade nacional de colonizadores baseadas na comparação entre os aspectos negativos das colônias e os positivos do colonizador. No caso das colônias independentes, podemos notar que as relações raciais oferecem o material para essa comparação que garante a posituação da figura do branco (colonizador) e a negatuação do negro (escravizado). Segundo Sueli Carneiro,

Temos em Foucault um eu que é dotado de razoabilidade, porque produziu o louco; de normalidade, porque produziu o anormal; e de vitalidade, porque inscreveu o Outro no signo da morte. [...] esse eu, no seu encontro com a racialidade ou etnicidade, adquiriu superioridade pela produção do inferior, pelo agenciamento que esta superioridade produz sobre a razoabilidade, a normalidade e a vitalidade. Podemos afirmar que o dispositivo de racialidade também será uma dualidade entre positivo e negativo, tendo na cor da pele o fator de identificação do normal, e a brancura será a sua representação (CARNEIRO, 2005, p. 42).

Veremos que essas relações estão presentes, também, na definição das características do amor e da família e na suposta (im)possibilidade negra de manter tais vínculos. Por meio da desvalorização da família e das relações afetivas e afetivo-sexuais entre escravizados e, mais recentemente, entre negros e negras “libertos/as”, vemos um enaltecimento da família nuclear burguesa cristã, pautada nos princípios do Estado burguês capitalista e nos valores católicos, cristãos. Nos romances indianistas e urbanos de José de Alencar, por exemplo, podemos notar qual será a postura do branco quanto à (im)possibilidade de humanidade e amor para povos não brancos.

Tanto em *Iracema* quanto em *O guarani*, notamos que a única possibilidade de vivenciar o amor verdadeiro é rejeitando a sua cultura de origem. Primeiro pela negação das tradições religiosas, como vemos no batismo de Peri, o qual, ao sucumbir à fé cristã em nome de seu amor/devoção, também renuncia à sua liberdade, família e história. Em *Iracema* não é diferente, a protagonista homônima abandona seu lugar de sacerdotisa, sua aldeia, família e amigos e se coloca contra tudo em que acreditava em nome desse mesmo amor, possível somente ao lado do homem branco. Nesse caso, a concretização de uma família e de laços mais longínquos era ainda mais difícil, pois a protagonista, além de selvagem era impura.

Iracema não teve redenção, pois sua própria existência representava um risco para a sociedade que se pretendia formar e para os lugares sociais de homens e mulheres no interior da família burguesa. Uma mulher que decidiu burlar as regras do “amor verdadeiro” e dos lugares de gênero que se pretendia determinar ao entregar-se a seus afetos. A heroína morre cumprindo seu papel de parir nosso ancestral comum, o qual seria criado com o afastamento devido da cultura ancestral da mãe. Esse talvez seja um dos primeiros esboços do discurso de branqueamento da nação, da purificação por meio da miscigenação e do mito da democracia racial. Além disso, a felicidade de viver o amor verdadeiro permanecia reservada para um modelo de mulher ao qual ela jamais corresponderia e sempre por intermédio da relação com um branco.

Não sabemos o destino de Moacir, fruto dessa união improvável e impossível, nem de seus enfrentamentos diante de sua origem racial. Embora seja romanceada sua condição de mestiço, como origem do povo brasileiro, em *O Guarani*, temos um exemplo bem menos agradável das consequências da mestiçagem no imaginário do próprio mestiço na figura de Isabel e sua ojeriza por Peri. Era declarado o horror da jovem diante da presença do guerreiro, pois isso a fazia lembrar-se dessa porção selvagem que tanto tentava disfarçar, mas o sangue nobre em suas veias estava muito maculado para torná-la parte da civilização à qual tanto sonhava se integrar.

Observamos outros aspectos dos limites impostos para viver o amor romântico em *Lucíola*, cujo bom coração e valores elevados da protagonista não foram capazes de livrá-la de um fim trágico, única alternativa diante de sua vida de pecados. Em *Senhora*, Aurélia Camargo nos mostra definitivamente quem será a musa do romantismo brasileiro, uma mulher forte e determinada, inicialmente, que termina aos pés do amado, pois o amor romântico é o único capaz de devolver essa mulher a seu lugar, garantindo a unidade da família brasileira que se pretendia consolidar.

Podemos dizer que, mais que impor o modelo de sociedade burguesa e a cultura europeia, esses romances também criaram limites para os grupos raciais que poderiam vivenciar relações verdadeiramente amorosas, bem como para os papéis de gênero nessas relações.

Na literatura do século XIX as personagens não brancas, sobretudo as negras, aparecem de forma inexpressiva, como coadjuvantes ou vilões, sobretudo no caso dos homens (DUARTE, 2013). As mulheres permaneceram limitadas aos estereótipos da sensualidade exacerbada, do corpo e da cor que remetem ao pecado. Duarte (2009) nos lembra, novamente, de Isabel, de *O guarani*, cuja beleza é associada ao pecado, em oposição a Ceci, metaforizada por elementos celestiais. Isabel também morre antes de viver seu amor por Álvaro, jovem branco e íntegro, inicialmente apaixonado por Ceci, par natural para manter a pureza da raça, porém a aproximação da jovem branca a Peri e o reconhecimento de Isabel como um amor possível por Álvaro, em seus momentos finais de vida, retomam a inevitabilidade da mestiçagem.

À mulher negra, por sua vez, coube, por um lado, a hiperssexualização e objetificação, inclusive por meio da sátira, como na personagem Vidinha, de *Memórias de um sargento de milícias* ou foram desenhadas a partir do cientificismo eugenista dos naturalistas, como podemos ver na personagem Rita Baiana, de *O cortiço*. Em outros casos a miscigenação

mostrou-se redentora, por meio do branqueamento, físico e moral, o qual garantiria até mesmo o protagonismo, como a bela Isaura, do romance *Escrava Isaura*. Quanto aos homens negros, quando aparecem em alguma obra, saem pouco ou nada dos estereótipos sobre os quais nos fala Proença Filho (2004).

Como podemos notar, ao longo desse processo, não há qualquer referência às formações e relações sociais negras, africanas ou afro-brasileiras. Podemos dizer que a cultura negra não foi considerada para a construção de uma identidade nacional ou de nossas relações afetivas. Essa ausência pode ser notada em toda a produção literária do século XIX bem como na historiografia do período, segundo a qual pessoas negras eram incapazes de manter relações afetivas que levariam à constituição de famílias estáveis e amorosas.

De fato, até alguns anos atrás os estudos sobre o cativo no Brasil tendiam a descrever as práticas sexuais e a vida familiar dos escravos como uma evidência de uma “patologia social” – de uma falta de normas e nexos sociais – que impossibilitasse não apenas a aglutinação das pessoas na vida privada, mas também uma ação coletiva e “política” consequente (SLENES, 2011, p. 36).

Ainda no século XIX, o abolicionismo surge como um novo aspecto na abordagem da questão racial na literatura. A luta pela abolição da escravidão passa a motivar parcela significativa da elite intelectual brasileira, influenciada pelos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade e determinada a construir uma identidade nacional pautada nesses valores, devidamente legitimados e aprovados pela Europa. Entretanto, obras icônicas, como *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, e *As vítimas-algozes*, de Joaquim Manoel de Macedo, são exemplos contundentes de como esse discurso, supostamente libertário e progressista, contribuiu pouco ou nada para a superação do legado racista da escravidão.

Em *A escrava Isaura*, a miscigenação bem como a vivência próxima à branquitude assume a função de redimir a negritude de Isaura. Apesar do caráter fortemente fenotípico que o racismo à brasileira assumiu no contexto da escravidão a condição de propriedade torna o escravizado, mesmo de pele alva como a de seus senhores tão objeto, quanto qualquer outro. Porém, no romance, vemos como a brancura já começa a superar a genética e desenhar novas relações raciais, a partir da possibilidade de enxergar humanidade e beleza que superam a herança genética vulgar.

Não obstante, porém, toda essa modéstia e humildade transluzia-lhe, mesmo a despeito dela, no olhar, na linguagem e nas maneiras, certa dignidade e orgulho nativo, proveniente talvez da consciência de sua superioridade, e ela sem o querer sobressaía entre as outras, bela e donosa, pela correção e nobreza dos traços fisionômicos e por certa distinção nos gestos e ademanos. Ninguém diria que era uma escrava, que

trabalhava entre as companheiras, e a tomaria antes por uma senhora moça, que, por desenfado, fiava entre as escravas. Parecia a garça-real, alçando o colo garboso e altaneiro, *entre uma chusma de pássaros vulgares* (GUIMARÃES, 2004, p. 43-44. Grifo nosso).

Já em *As vítimas-algozes*, Joaquim Manoel de Macedo retrata os perigos da escravidão para os senhores. O medo da revolta negra, da vítima se tornar algoz é retratado em três narrativas de infortúnios sofridos por senhores bondosos vitimados pelo ódio não do negro, mas do escravizado. Nesse sentido, a escravidão seria um caminho inevitável para o aviltamento, a perda de valores e a violência. Não sendo possível escapar disso, vemos escravos revoltados mesmo quando, na leitura do autor, não há motivos para tanto. Ainda que, constantemente, Macedo tente superar a ideia de que a violência seria um aspecto inerente à raça negra, as lutas por liberdade são retratadas como selvageria e a revolta ante o cárcere como ingratidão.

um antro tomado às feras, mas, onde iria sempre o escravo, o quilombola, vender o furto, embriagar-se, ultrajar a honra do senhor e de sua família, a quem detesta, engolfar-se em vícios, ouvir conselhos envenenados, inflamar-se em ódio, e habituar-se à idéia do crime filho da vingança; porque o escravo, por melhor que seja tratado, é, em regra geral, pelo fato de ser escravo, sempre e natural e logicamente o primeiro e mais rancoroso inimigo de seu senhor (MACEDO, [1869], p. 04).

Nesse sentido, a escravidão teria criado uma horda de selvagens movidos pelo ódio, a lascívia e o desejo de vingança, portanto, era urgente acabar com esse processo tão danoso, para preservar a honra e a integridade física e moral do branco. Para o negro, por outro lado, não há uma proposta concreta de superação dos estragos reconhecidamente causados pelos séculos de cárcere, tampouco para os séculos de construção de um imaginário racista e racializado na população.

Como apontamos anteriormente, a denúncia da escravidão sem a consideração da subjetividade, agentividade e humanidade negra permanecem como tônica do debate racial no país por muito tempo³. Macedo afirma em seu romance, publicado em 1869,

Fora absurdo pretender que até a *ingratidão às vezes profundamente perversa dos crioulos amorosamente criados* por seus senhores é neles inata ou condição natural da sua raça: *a fonte do mal, que é mais negra do que a cor desses infelizes*, é a escravidão, a consciência desse estado violenta e barbaramente imposto, estado lúgubre, revoltante, condição ignóbil, mãe do ódio, pústula encerradora de raiva, pantanal dos vícios mais torpes que degeneram, infeccionam, e torna perverso o coração da vítima, o coração do escravo (MACEDO, [1869], p. 07. Grifo nosso).

³ Uma ressalva deve ser feita sobre a produção literária abolicionista do século XIX quanto a Castro Alves, o qual, como assinala Proença Filho (2004), por meio da humanização do negro escravizado, tenta convencer sua audiência branca da necessidade de abolir a escravidão.

Gilberto Freyre, em 1933 em sua Casa-Grande e Senzala vai dizer que:

É absurdo responsabilizar-se o negro pelo que não foi obra sua nem do índio mas do sistema social e econômico em que *funcionaram passiva e mecanicamente*. Não há escravidão sem depravação sexual. É da essência mesma do regime. Em primeiro lugar, o próprio interesse econômico favorece a depravação criando nos proprietários de homens imoderado desejo de possuir o maior número possível de crias. Joaquim Nabuco colheu em um manifesto escravocrata de fazendeiros as seguintes palavras, tão ricas de significação: “a parte mais produtiva da propriedade escrava é o ventre gerador” (FREYRE, 2003, p. 414. Grifo nosso).

Além da brutalidade e animalização desses sujeitos, houve um intenso processo de apropriação cultural, em que a intelectualidade branca selecionou aspectos da cultura negra e indígena que lhes fossem mais agradáveis ou lucrativos, releu e utilizou a partir de seus valores e interesses. Sobre isso, Gilberto Freyre nos dá um exemplo categórico da postura de intelectuais brancos diante da cultura negra

Não há felizmente no Brasil uma “poesia africana” como aquela, nos Estados Unidos, de que falam James Weldon Johnson e outros críticos: poesia crispada quase sempre em atitude de defesa ou de agressão; poesia quase sempre em dialeto meio cômico para os brancos, para os ouvidos dos brancos, mesmo quando mais amargos ou tristes os assuntos. O que há no Brasil é uma zona de poesia mais colorida pela influência do africano: um africano já muito dissolvido em brasileiro (FREYRE, 1997, p. 93).

Nessa introdução, ao livro *Poemas Negros* de Jorge de Lima, Gilberto Freyre demonstra a expectativa branca para a miscigenação brasileira, um produto dito “brasileiro”, embranquecido e agradável aos ouvidos brancos. Não há qualquer consideração sobre o que “agradaria os ouvidos” dos negros do Brasil, os quais, assim como o indígena retratado durante todo o século XIX, deveriam abandonar ou “adaptar” sua ancestralidade para os padrões eurocêntricos estabelecidos pelas elites do país como identidade nacional.

Tal postura marca a entrada definitiva do negro tanto no processo de construção dessa identidade quanto na literatura. Suas contribuições, desconsideradas ao longo do século XIX, passam a compor os estudos sociológicos e historiográficos bem como inspira a literatura e a arte ao longo de todo o século XX. No entanto, ainda sob um discurso falsamente agregador, que mascara o apagamento dos traços culturais e fenotípicos dos povos não brancos do Brasil, o qual embasará o mito da democracia racial, reproduzindo, na literatura nacional, os mesmos estereótipos atribuídos a negros e negras desde o século XVII.

Porém agora o mito da democracia racial já é um projeto político consolidado e legitimado pelos trabalhos de intelectuais como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, por exemplo. Na literatura, vemos o negro assumir lugar de protagonista em diversas obras que

vão além da descrição dos sofrimentos da escravidão e tentam trazer aspectos da cultura e do povo negro, que consideram relevantes para a formação da cultura nacional. Um dos momentos altos dessa nova postura literária foi o movimento que ficou conhecido como *Negrismo*, manifestação artística caracterizada pela “busca do exotismo, a introdução de uma estética baseada na plástica dos fetiches africanos ou das máscaras polinésias e o retorno aos elementos primitivos da cultura” (SCHWARTZ, 1995, p. 579). Exotismo, fetiche, primitivo são alguns termos usados para demarcar essas produções e nos ajudam a identificar a realidade por trás da suposta integração proposta pelo movimento.

Conforme Duarte (2013), o *Negrismo* foi inaugurado pelo primeiro grande romance nacional com um protagonista negro, *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Segundo o autor, no romance vemos, novamente por meio da sátira, todos os estereótipos que vinham sendo construídos desde o século XVII, com Gregório de Matos. Novamente o negro preguiçoso, malandro e a ridicularização da arte e da cultura afro-brasileira.

No que se refere às mulheres negras também não houve grandes avanços. Elas continuam marcando presença, porém ainda limitadas à sexualidade e incapazes de compreender ou vivenciar o amor. O que pode ser observado no poema *Nega Fulô*, de Jorge de Lima e no romance *Gabriela cravo e canela*, de Jorge Amado, obras importantes do mesmo *Negrismo* de que nos fala Schwartz (1995) e Duarte (2013).

Tanto na literatura quanto na historiografia parece haver uma exceção para o amor materno, garantido, por vezes, para as mulheres negras a partir de um dos estereótipos aos quais estão limitadas: a escrava mãe ou mãe-preta. Porém, tal privilégio não era concedido a todas as mulheres negras

A negra ou mulata para dar de mamar a nhonhô, para niná-lo, preparar-lhe a comida e o banho morno, cuidar-lhe da roupa, contar-lhe histórias, às vezes para substituir-lhe a própria mãe – é natural que fosse escolhida dentre as melhores escravas da senzala. Dentre as mais limpas, mais bonitas, mais fortes. Dentre *as menos boçais e as mais ladinas—como então se dizia para distinguir as negras já cristianizadas e abrasileiradas, das vindas há pouco da África; ou mais renitentes no seu africanismo* (FREYRE, 2003, p. 450-451. Grifo nosso).

Podemos ver novamente a aversão à ancestralidade africana e, assim como em todo o estudo freyreano, a seleção cuidadosa dos aspectos “aproveitáveis” da cultura afro-brasileira, sempre aqueles já devidamente “abrasileirados”, o que, pensando no processo de construção da identidade nacional, fortemente pautado em valores e preceitos europeus, podem ser lidos simplesmente como: brancos.

Além disso, mesmo essa servidão disfarçada de cuidado e maternagem são restritas a cuidados dedicados aos filhos dos senhores, ignorando a perversidade do fato de que as mulheres escravizadas, mesmo essas “privilegiadas” por exercer o “serviço doméstico mais fino” (FREYRE, 2003, p. 450), eram privadas do direito de criarem ou cuidarem de seus próprios filhos. Freyre (2003) descreve as relações entre as negras e as crianças brancas de modo a suavizar os conflitos e relações de opressão e, novamente, submete a possibilidade/capacidade de dar e receber amor de sujeitos negros à presença/convivência branca.

Como podemos ver, a literatura e a elite intelectual brasileiras seguem desconsiderando a possibilidade de participação do negro na vivência do amor burguês – já devidamente sedimentado como condição para família, humanidade e civilidade – como podemos ver pela ausência de grandes romances ou poesias lírico-amorosas voltadas para a exaltação de musas negras ou grandes heróis negros, por exemplo. Ao contrário, as obras mais icônicas de nosso cancionário ainda reproduzem os mesmos estereótipos apontados por Slenes (2011), porém agora com um discurso envernizado pelo mito da democracia racial, alicerce do chamado “racismo à brasileira” (SCHWARCZ, 1998).

3. Pés no chão e coração alerta: ou o fim da hegemonia branca sobre o amor

Conforme aponta Slenes (2011), refazer a história da família negra durante a escravidão a partir de relatos dos próprios escravizados foi determinante para uma mudança na historiografia sobre o período, sobretudo no que se refere à família escravizada. Se uma historiografia unilateral, baseada apenas na perspectiva branca contribuiu para a consolidação de uma sociedade de bases políticas, econômicas e sociais racializadas, a parcialidade da produção literária contribuiu para fortalecer um imaginário racista, segundo o qual é impossível ao sujeito negro estabelecer relações amorosas e, conseqüentemente, constituir e manter uma família. Tal situação só seria possível por intermédio do branco, pensamento que se torna ainda mais determinante para as relações afetivas negras quanto mais se naturaliza a ideia da miscigenação como redentora dos conflitos raciais e elemento indispensável para controlar a selvageria, seja vista como aspecto natural da raça ou como legado da escravidão.

Como pudemos ver, até aqui, não há uma preocupação por parte da literatura hegemônica em retratar, entender ou sequer problematizar questões relacionadas à subjetividade negra, tampouco às formações familiares e afetivas. Sabemos também que é principalmente através da literatura que conhecemos ou ao menos nos questionamos sobre o que é e como vivenciar o amor. Diante disso, o trabalho de Fanon (2008) contribui, também, para pensarmos as consequências da ausência negra na produção literária hegemônica e a decorrente impossibilidade de se ver como protagonistas de uma bonita história de amor que culmine em uma família, na vida real.

O autor também nos apresenta importante material para refletirmos sobre o discurso da redenção por meio da miscigenação. Para Fanon (2008), às mulheres negras resta o sonho de deixar para seus descendentes uma herança branca, casando e tendo filhos com um homem branco, sendo, ou melhor, sentindo-se, dessa forma, aceita e permitindo que seus filhos também o sejam. Aos homens negros, por outro lado, ser aceito por uma mulher branca significa ainda mais do que apenas se sentir parte da sociedade que o rejeita historicamente

Não quero ser reconhecido como *negro*, e sim como *branco*.

Ora – e nisto há um reconhecimento que Hegel não descreveu – quem pode proporcioná-lo, senão a branca? Amando-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco.

Sou um branco.

Seu amor abre-me o ilustre corredor que conduz à plenitude...

Esposo a cultura branca, a beleza branca, a brancura branca.

Nestes seios brancos que minhas mãos onipresentes acariciam, é da civilização branca, da dignidade branca que me aproprio (FANON, 2008, p. 69. Grifo do autor).

Como aponta Fanon (2008), os séculos de depreciação e brutalização do povo negro, levou à internalização dos discursos racistas não apenas pelos brancos, mas também por grande parte dos negros, dentre os quais muitos ora abraçaram a miscigenação como uma tábua de salvação para suas almas pagãs ora aceitaram sua condição de selvageria e incapacidade de amar. Segundo Hooks (2010),

Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, “feridos até o coração”, e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor.

No entanto, importa destacar que, de acordo com a própria a autora “o sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis” (HOOKS, 2010). O estudo das produções literárias negras nos mostra como as dificuldades para alcançar esse crescimento espiritual e, conseqüentemente, dar e receber amor foram de fato superados em muitos casos, ao menos num imaginário sensível e essencialmente humano que sobreviveu aos séculos de brutalidades e manteve viva a possibilidade de um amor negro, livre dos estigmas, estereótipos, determinações e limitações brancas, burguesas e racistas.

Ao analisarmos a produção literária negra desde o século XIX, vemos desenhar-se uma imagem quase inusitada do negro brasileiro. Personagens com sentimentos intensos, beleza admirável, valores e cultura relevante e rica povoam as produções de artistas ainda pouco conhecidos do grande público e estudados de forma ainda indigna de sua grandeza. O conhecimento de tais obras abre a possibilidade de pensarmos o amor muito além dos limites desse “amor branco”, aparentemente universal e, decididamente, inalcançável, sobretudo para pessoas negras, de que nos fala Fanon (2008).

Portanto, tendo em vista a hegemonia branca e racista na produção literária nacional, ainda nos dias de hoje, vemos a importância de dar voz a poetas e escritoras/es negras e negros. Tal importância se deve ao fato de que apenas eles e elas são capazes de compreender e transmitir os efeitos do racismo e da tentativa histórica de negar ao negro, vivências amorosas, afetivas e familiares, por meio, dentre outras coisas, de seu apagamento na literatura lírico-amorosa hegemônica, como personagem, autor ou autora.

Concordamos que “num texto literário há essencialmente um aspecto que é *tradução* de sentido e outro que é tradução do seu conteúdo humano, da mensagem através da qual um escritor se exprime, exprimindo uma visão do mundo e do homem” (CANDIDO, 1996, p. 17. Grifo do autor). Portanto, para termos uma produção literária de fato condizente com a diversidade cultural e étnica do país, capaz de traduzir os diferentes sentidos da visão de mundo e do ser humano que o/a escritor/a nos oferece é preciso que haja espaço para visões diferentes do mundo e da humanidade. Essas perspectivas únicas e atravessadas por subjetividades fornecem novas possibilidades de enxergar o negro na sociedade, agora como um ser humano digno e capaz de dar e receber amor, mas também, em uma perspectiva mais ampla, proporciona

uma dimensão maior da grandiosidade e complexidade dos sentimentos humanos de modo geral.

Diante disso, se o negro é socializado a partir de uma realidade absolutamente particular, por estar totalmente submetido às determinações do racismo, não há outra voz capaz de exprimir os sentimentos e vivências decorrentes disso. Tampouco outra voz será capaz de apresentar alternativas para a mudança dessa realidade e suas consequências sociais e psicológicas. Duarte (2009) destaca a importância do estudo e apreciação da produção literária negra para a superação dos estereótipos racistas que se consolidaram na sociedade brasileira, dentre outras coisas, graças à produção cultural hegemônica, ainda fortemente marcada pelo racismo estrutural e estruturante da identidade e cultura nacional.

O estudo e apreciação da produção literária negra nos colocam diante das alternativas encontradas por escritores e escritoras negros e negras para reconstruir esse aspecto extremamente importante de sua humanidade, constantemente atacada pelas situações de racismo: a vivência amorosa entre pessoas negras. Essas/es autoras/es o fazem, dentre outras coisas, por meio da exaltação das diversas relações afetivas e formações familiares estabelecidas de fato entre essas pessoas. Em outras palavras, no amor cantado pela literatura negra não há idealizações, estabelecimento de padrões ou regras para buscar uma prática social devidamente controlada e moldada de acordo com os interesses dominantes, mas sim uma obra baseada na observação da realidade dessas relações.

O lirismo, os afetos e a beleza dos textos e histórias contadas não provêm de um desejo fantasioso por perfeição e controle, como vimos se construir no projeto romântico de amor e identidade nacional. Tampouco há a descrença na possibilidade de vínculos e projetos coletivos e em longo prazo, presente, por exemplo, nas propostas naturalistas e realistas, em resposta ao idealismo romântico. A matéria na qual se inspira a literatura negra é a realidade do que as pessoas de fato são capazes de vivenciar e construir coletiva e objetivamente, através de seus afetos, desejos, sonhos e lutas, sem a busca de uma perfeição inalcançável, mas também distante do pessimismo determinista de boa parte da produção hegemônica.

Para compreendermos melhor a importância estético-política, mas também psicológica e subjetiva dessa mudança temática e de postura por parte de artistas negros e negras, faz-se necessária uma contextualização do processo de ascensão da literatura negra em meio aos impedimentos e censuras por parte da intelectualidade branca.

Já no século XIX vemos despontar uma série de escritores, sobretudo poetas negros, porém, como aponta Damasceno (2003); essa produção ainda é cerceada pelas consequências do racismo. Dentre elas a negação de suas origens raciais, levando a uma produção literária que pouco ou nada escapava da poesia branca característica do romantismo. Ainda segundo a autora, havia uma tendência a rejeitar textos voltados para os lamentos relacionados à escravidão, discurso destoante da tônica ufanista vigente no Romantismo. Autores como Gonçalves Dias teve suas poucas obras voltadas à temática racial totalmente esquecida (DAMASCENO, 2003), outros, como Machado de Assis e o poeta Cruz e Souza tiveram sua obra deturpada por um patente processo de branqueamento e distorção de suas abordagens da temática racial (DUARTE, 2009; 2013; DAMASCENO, 2003).

No entanto, mesmo em meio a toda manipulação da elite intelectual branca, ao nacionalismo racista desenhado pelo Romantismo, às musas brancas e castas, ao amor burguês, fantasioso e condicionado ao poder do Estado e da Igreja, algumas vozes negras se destacam e começam a esboçar um projeto literário voltado para uma real humanização do negro no Brasil, dentre outras coisas, por meio da retomada de suas origens africanas.

Destacam-se nesse contexto Luiz Gama e Maria Firmina dos Reis. Duarte (2009) aponta Maria Firmina dos Reis como a primeira a dar voz aos escravizados no Brasil. Remete-se ainda, assim como Damasceno (2003), a Luís Gama como o primeiro poeta a cantar as belezas da mulher negra. Segundo Duarte (2009, p. 13-14), o poeta sob “o ponto de vista afro identificado do ‘Orfeu de carapinha’ conduz a representação ao plano lírico da confissão amorosa, onde não faltam a sublimação da mulher e o descarte do erotismo vulgar e estéril”.

Durante o século XX, a produção literária negra tem seu auge. O enfrentamento e negação do mito da democracia racial bem como o discurso de empoderamento e orgulho negro dão outras cores a essa poesia, que se funde ao debate político de combate ao racismo para começar a consolidar uma visão de arte e cultura afrocentradas. Vemos se desenhar uma produção literária original que romperia com os padrões estéticos, temáticos e, evidentemente, ideológicos da literatura hegemônica.

Um dos principais momentos da literatura negra, até os dias de hoje, é certamente a publicação, em 1960, do livro *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Em verdade, tornar pública essa figura já causou efeito irreversível na intelectualidade brasileira, pois, embora tenha sido taxada, desde sempre, quase como uma aberração, por ser “a favelada que

sabia escrever”⁴, serviu de inspiração para muitas/os que, como Carolina, viviam no anonimato do histórico silenciamento promovido pelo racismo.

Outro marco da história literária negra foi a publicação, em 1978, dos *Cadernos Negros* que possibilita a revelação de novas/os autoras/es negras/os até hoje, mantendo viva a resistência negra, a qual, desde os primeiros anos do pós-abolição, se desenvolve em torno da literatura e da imprensa (SILVA, 2013).

Por fim, chegamos ao final do século XX e início dos anos 2000, quando nos deparamos com mais um desdobramento da produção cultural negra que levou a mais um avanço na história da literatura negra brasileira, trata-se da literatura marginal/periférica. Nesse novo momento, embaladas/os pelo exemplo de Carolina Maria de Jesus, a população negra mais à margem, pobres, moradoras/es de favelas, sem formação institucional recuperam a voz e assumem o protagonismo de sua própria história, saberes e amores. A poesia marginal/periférica apresenta um lirismo tirado dos escombros, da pobreza, dos conflitos e enfrentamentos materiais, emocionais, políticos e ideológicos enfrentados às margens da sociedade brasileira.

Porém não há, novamente, qualquer objetivo de romantizar a pobreza ou banalizar as dificuldades materiais extremas enfrentada diariamente nas periferias do país. Ao contrário, a denúncia do descaso político e dos horrores da miséria representa material fundamental desse movimento. Entretanto, a exaltação da humanidade de quem é submetida a tais condições assume papel central. É a vida, as trocas, os afetos construídos em meio ao caos que chama a atenção e nos coloca diante de outra perspectiva sobre a margem.

Tais histórias há muito têm sido retratadas na literatura, no entanto, apenas sob a perspectiva branca, quase sempre restrita a leituras antropológicas e até biologizantes desses grupos e de suas relações sociais, reforçando estereótipos racistas e classistas. No entanto, agora, são apresentadas sob a ótica de quem vivencia diariamente essas realidades, uma literatura que, assim como a literatura negra, é feita por, sobre e para negros/as pobres.

Essas escrevivências, de que nos fala Evaristo (2003), vêm se sobrepondo ao racismo, à violência, ao silenciamento; crescendo e alimentando sonhos de representatividade e humanidade, criando novas formas de afeto e recolocando o amor em seu lugar de arma para

⁴Referência à frase escrita no letreiro da livraria onde seu livro seria lançado. Carolina fala sobre a faixa em seu segundo livro, *Casa de Alvenaria*.

luta por igualdade e humanidade. Como nos fala Hooks (2001), é preciso pensar uma política que faça o povo negro se voltar para o amor. Não se trata aqui do amor cristão incondicional e despolitizado, mas do amor que unifica para a luta coletiva, baseado no reconhecimento de sua/seu igual e na satisfação de se ver nela/e.

Enfim, o que foi cantado, pregado e outorgado sobre o amor até hoje precisa ser urgentemente repensado pelo conjunto da sociedade, reconhecidamente adoecida pela frustração da busca pelo amor verdadeiro vendido pela burguesia. No entanto, para a população voltar-se para o amor negro, construído, vivido e cantado por e para pessoas negras é uma questão de sobrevivência.

Referência

CANDIDO, Antônio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas Publicações /FFLCH-USP: 1996.

_____. O direito à literatura. In: _____. *Vários Escritos*. São Paulo: Ouro sobre azul, 2004.

CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. 339p. Tese (Doutorado em Educação junto à área de Filosofia da Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CASTILHO, Suely Dulce de. A representação do negro na literatura brasileira: novas perspectivas. *Olhar de Professor*, Paraná, n.1, v.7, p. 103-113, 2004.

DAMASCENO, Benedita Gouveia. *Poesia negra no modernismo brasileiro*. Campinas: Pontes Editores, 2003.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. *Terra Roxa e Outras Terras – Revista de Estudos Literários*. Londrina, v.17-A, p. 06-18 dez. 2009.

_____. O negro na literatura brasileira. *Navegações*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez. 2013

EVARISTO, Conceição. *Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face*. In: Seminário Nacional X Mulher e Literatura – I Seminário Internacional Mulher e Literatura, UFPB, 2003.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREYRE, Gilberto. *Poemas negros* (Introdução). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

_____. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia Patriarcal*. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Barcelona: Editorial Sol90, 2004.

HOOKS, Bell. *Salvation: blackpeopleandlove*. New York: Harper Collins, 2001.

_____. *Vivendo de amor*. Tradução de Maísa Mendonça. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 10 out. 2020.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

_____. *Casa de alvenaria: Diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50, 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco muito pelo contrário. In: NOVAES, Fernando A.; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *Histórias da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.4.

SCHWARTZ, Jorge. Negrismo e negritude. In: _____. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *A descoberta do insólito: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000)*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SLENES, Robert W. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava*. Campinas: Editora Unicamp, 2011.